

ESSES DIAS ME VIRAM NA RUA: vivências de pessoas LGBTQIAPN+ em situação de rua a partir do documentário¹

Adriene Silva Alves²
Kesya Ribeiro Domingas dos Santos³
Betânia Maria Vilas Boas Barreto⁴
Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC

RESUMO

O estudo apresenta o documentário “Esses dias me viram na rua” (2024), que registra o cotidiano de Lucas Santos e Bibi Ferreira, pessoas LGBTQIAPN+ em situação de rua em Ilhéus (BA), com o objetivo de evidenciar como gênero, sexualidade e exclusão socioeconômica se interseccionam. Com uma metodologia participativa, abordagem do Cinema Verdade e fundamentado em teóricos como Louro (1997), Butler (2018), Foucault (2014), Mbembe (2018) e Castelo, Ribeiro e Rocamora (2020) e Nichols (2016) o trabalho contribui para a visibilidade crítica desse grupo e fomenta debates sobre justiça social.

PALAVRAS-CHAVE: pessoas em situação de rua; LGBTQIAPN+; documentário.

1. Introdução

O documentário “Esses dias me viram na rua” (2024) foi produzido a partir de inquietações suscitadas durante a elaboração de uma reportagem sobre políticas públicas e organizações não governamentais, realizada em 2023. O contato com a realidade de pessoas em situação de rua em Ilhéus (BA) evidenciou problemáticas sociais complexas e frequentemente invisibilizadas, o que motivou o aprofundamento da temática no Trabalho de Conclusão de Curso.

No projeto experimental, as identidades das realizadoras foram incorporadas como elementos narrativos, partindo do reconhecimento da histórica exclusão enfrentada pela comunidade *queer* (Louro, 1997). O documentário propõe um olhar sensível às vivências de pessoas LGBTQIAPN+ em situação de rua em Ilhéus,

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Cinema e Audiovisual e Interdisciplinaridade, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 24 a 26 de junho de 2025.

² Graduada em Comunicação Social - Rádio, TV e Internet da UESC, email: drika05.alves@gmail.com.

³ Graduada em Comunicação Social - Rádio, TV e Internet da UESC, email: kesyaribeiro4@gmail.com.

⁴ Professora do Curso de Comunicação Social - Rádio, TV e Internet da UESC, email: bmvbbarreto@uesc.br.

evidenciando como as camadas de vulnerabilidade se interseccionam na negação de direitos básicos, como saúde, alimentação e segurança. Trata-se de um grupo historicamente atravessado por violências estruturais, como o patriarcado e o machismo, agravadas pela ausência de políticas públicas específicas.

Diante desse cenário, define-se o seguinte problema de pesquisa: como pessoas LGBTQIAPN+ em situação de rua, sujeitos duplamente afetados, vivenciam e experienciam suas subjetividades a partir do desvio da norma cisheterossexual e da exclusão socioeconômica? Com os objetivos de discutir sobre o contexto de pessoas LGBTQIAPN+ em situação de rua evidenciando as conexões entre identidade de gênero, orientação sexual, classe social e condição de moradia; contribuir para a quebra de paradigmas e preconceitos através da representação humanizada dessas vivências e analisar e criticar como o sistema capitalista e o patriarcado influenciam a marginalização das pessoas LGBTQIAPN+ em situação de rua.

2. Fundamentação teórica

O trabalho parte da análise do capitalismo brasileiro dependente, caracterizado por uma herança colonial excludente que perpetua desigualdades raciais, sociais e territoriais (Mbembe, 2018; Castelo, Ribeiro e Rocamora, 2020). Essa estrutura desigual se aprofundou com o avanço do neoliberalismo a partir da década de 1990, quando a precarização das relações de trabalho e a redução da responsabilidade estatal agravaram as situações de vulnerabilidade social (Tiengo, 2016). Nesse contexto, o sistema patriarcal e cisheteronormativo atua como mecanismo complementar de exclusão, estruturando disparidades de gênero e sexualidade por meio de normas que deslegitimam existências não normativas.

Essas dinâmicas históricas consolidaram um padrão de injustiça social baseado na concentração fundiária e na marginalização de populações negras. Como consequência direta, a abolição da escravidão sem políticas de integração gerou um ciclo de pobreza estrutural, favelização e crescimento da população em situação de rua, composta majoritariamente por homens negros⁵, realidade que explicita o racismo estrutural e as normas de gênero que tornam a masculinidade pobre mais visível nos

⁵ Segundo dados do relatório divulgado pelo Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania (MDHC) em 2023, o Brasil possuía cerca de 236.400 pessoas em situação de rua. Desse total, 88% eram homens e 68% se autodeclaravam negros (sendo 50% pardos e 18% pretos).

espaços públicos (Prado Júnior, 2009; Vieira et al., 2004). Essa tendência se confirma em Ilhéus, onde dados revelam que 80% das 247 pessoas em situação de rua são homens negros, com conflitos familiares e desemprego como fatores determinantes (Secretaria de Promoção Social e Combate à Pobreza, 2024).

Contudo, essa leitura estatística revela uma lacuna crítica: a invisibilização das pessoas LGBTQIAPN+ em situação de rua. No Brasil, o único dado apurado pelo Governo no âmbito do gênero e sexualidade aconteceu por meio da Pesquisa Nacional de Saúde (PNS) de 2019 realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) que coletou, pela primeira vez, informações sobre a orientação sexual da população. Com a divulgação dos resultados feita de forma experimental, a pesquisa apresentou uma alta subnotificação, atribuída, em grande parte, ao elevado número de indivíduos que optaram por não informar sua orientação sexual.

Abordando o recorte de pessoas em situação de rua, o país não possui registros oficiais sobre essa população (ObservaDH, 2024). Em Ilhéus, estimativas indicam que cerca de 8% das pessoas em situação de rua se identificam como LGBTQIAPN+, mas a ausência de políticas públicas específicas reforça seu apagamento e exclusão. Esse silenciamento estatístico impede a formulação de estratégias adequadas de acolhimento, ao mesmo tempo em que sustenta um sistema de controle e normatização de corpos dissidentes, como discutem Louro (1997), Butler (2003) e Preciado (2008).

3. Metodologia

A investigação optou pelo gênero documental, com enfoque no Cinema Verdade e no modo participativo (Nichols, 2016), em que a equipe assume papel ativo na construção da narrativa. Segundo Nichols (2016, p. 188), essa abordagem se caracteriza pela transição do "eu falo deles para você" para "eu falo com eles por nós".

O trabalho desenvolveu-se em três fases: pré-produção, produção e pós-produção. Na etapa inicial, realizou-se uma revisão teórica e a seleção dos participantes. Lucas Santos foi o primeiro convidado, a partir da relação construída anteriormente na reportagem. Ele próprio indicou Bibi Ferreira. Adotou-se um "roteiro imaginário" (Guzmán, 2017), flexível e adequado às dinâmicas imprevisíveis da rua. A equipe contou com três integrantes, com apoio técnico do curso de Comunicação Social – Rádio, TV e Internet na trilha sonora e mixagem.

Durante a produção, as filmagens ocorreram entre 25/08 e 19/09, totalizando treze dias de captação em diferentes turnos. Utilizou-se câmera na mão, priorizando planos-sequência, espontaneidade e mobilidade, com iluminação adaptada e uso de microfones de lapela (Chion, 2011). A rotina instável dos participantes e os desafios de segurança exigiram flexibilidade (Puccini, 2007).

Na pós-produção, a narrativa foi dividida em três blocos: um dedicado a Lucas, outro a Bibi e o terceiro com ambos em cena. A montagem explorou planos-sequência, rupturas e uso da trilha sonora para criar significados. As tomadas possuem início e fim próprios, com intervalos que funcionam como transições e ambientações para os novos blocos.

4. Interseccionalidades e Narrativas: Corpos LGBTQIAPN+ em Contexto de Rua

A obra evidencia como os marcadores sociais de gênero, sexualidade, classe e acesso à moradia operam conjuntamente na marginalização de pessoas LGBTQIAPN+ em situação de rua. Lucas, homem cis gay de 39 anos, pedagogo e atualmente garçom, vive em uma barraca de camping e compartilhou sua trajetória: criado em uma família evangélica, rompeu os laços afetivos com seu núcleo familiar aos 18 anos devido sua orientação sexual. Após perder o emprego durante a pandemia de COVID-19, passou a viver nas ruas. Seus relatos abordam o preconceito enfrentado, as dificuldades de acesso à saúde e reflexões sobre as desigualdades do capitalismo e a solidão, mantendo, no entanto, a esperança na educação como caminho para transformação social.

Bibi, mulher trans de 49 anos nascida em Santana (SP), vive com o marido em uma cabana de lona e vende artesanato nos semáforos. Apesar de ter sido criada em um ambiente evangélico, relata ter recebido o apoio de sua família. Deixou o trabalho com Marketing para acompanhar o companheiro na vida nas ruas. Em seus relatos, aborda sua identidade de gênero, os preconceitos enfrentados no dia a dia e a luta por uma moradia digna. Junto a Lucas, dividiu reflexões sobre afeto, cotidiano e planos para o futuro.

A abordagem participativa permitiu que Lucas e Bibi se expressassem livremente, dando à narrativa um caráter mais próximo e respeitoso. Seguindo Jacinto (2021), os encontros foram tratados como espaços de troca, conferindo caráter participativo à narrativa (Nichols, 2016). A presença das documentaristas em cena,

também como mulheres LGBTQIAPN+, reforçou o compromisso ético com a representação dessas vivências. As escolhas estéticas, como a câmera na mão e os planos-sequência, contribuíram para uma obra delicada, pungente e imersiva, que articula teoria e prática na discussão sobre exclusão social.

5. Considerações finais

As reflexões desenvolvidas ao longo deste resumo expandido evidenciam que o trabalho contribui para a experimentação de novas formas narrativas na comunicação, fortalecendo a representatividade de grupos historicamente excluídos e incentivando estudantes e profissionais da área a explorar temáticas ainda pouco abordadas. Além disso, amplia-se o debate no campo dos estudos sobre a população LGBTQIAPN+ em situação de rua, que apresenta inúmeras lacunas teóricas a serem investigadas. A produção audiovisual, nesse contexto, torna-se uma ferramenta relevante tanto para o registro quanto para a análise crítica dessas realidades sociais.

Espera-se que o documentário proporcione ao público uma compreensão mais aprofundada sobre a realidade vivida por pessoas LGBTQIAPN+ em situação de rua, sensibilizando-o para refletir sobre as raízes históricas e estruturais dessa problemática, vinculadas ao sistema patriarcal e ao capitalismo exploratório. Almeja-se também que o filme estimule ações concretas de apoio a esses sujeitos e contribua para pressionar autoridades públicas à adoção de políticas efetivas. Acredita-se que, por meio do engajamento crítico, seja possível fortalecer iniciativas que promovam justiça social e garantia de direitos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania. **População em situação de rua: diagnóstico com base nos dados e informações disponíveis em registro administrativo e sistemas do Governo Federal**. Brasília: MDHC 2023.

BUBER, Martin. **Eu e Tu**. 10 Ed. Trad. Newton Aquiles Von Zuben. São Paulo: Centauro Editora, 2006.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Editora José Olympio, 2018.

CASTELO, Rodrigo; RIBEIRO, Vinicius; ROCAMORA, Guilherme de. Capitalismo dependente e as origens da “questão social” no Rio de Janeiro. **Serviço Social & Sociedade**, n. 137, p. 15-34, 2020.

CHION, Michel. **A audiovisualização**: o som e imagem no cinema. Lisboa: Edições Texto & Grafia, 2011.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

GUZMÁN, Patrício. **Filmar o que não se vê**: um modo de fazer documentário. Tradução: José Feres Sabino. São Paulo: Edições Sesc, 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional de Saúde**. Brasília, 2019.

JACINTO, Thifani Postali. **Documentário de ética dialógica**: a explicitação do encontro entre documentaristas e atores sociais. 2021. 162f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes, Campinas, São Paulo, 2021.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós estruturalista. 6 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. 6 ed. Campinas: Papirus, 2016

PRADO JÚNIOR, Caio. **Formação do Brasil contemporâneo**: colônia. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

PRECIADO, Paul. **Multidões queer**: notas para uma política dos "anormais". Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 19, n. 1, 2011.

TIENGO, Verônica Martins. **População em situação de rua**: o fruto necessário à reprodução capitalista e a funcionalidade do trabalho informal. 2016.

VIEIRA, Maria Antonieta da Costa; BEZERRA, Eneida Maria Ramos; ROSA, Cleisa Moreno Maffei (Orgs.). **População de rua**: quem é, como vive, como é vista. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.